



## TRANSDIVERSIDADES: OLHARES PARA UM EPISÓDIO DA SÉRIE LIBERDADE DE GÊNERO.

Thais Geraldo Oliveira de Aguiar<sup>1</sup>  
Raquel Pereira Quadrado<sup>2</sup>

### Resumo

No presente trabalho analisamos alguns significados sobre transdiversidades em um episódio da série Liberdade de Gênero. O episódio conta a história de Oliver, trans não binário que relata como é não se identificar nem como menino e nem como menina e também a história de Dani uma mulher trans que fez a cirurgia de redesignação sexual. Entendemos esta série como um potente artefato cultural para reflexão acerca das transdiversidades, através de entrevistas com pessoas que não se identificam com o gênero designado para elas ao nascerem, negando qualquer determinismo biológico. Trazemos essa pesquisa a partir dos Estudos Culturais, na vertente pós-estruturalista, destacando a importância das mídias na produção dos corpos, gêneros e sexualidades e como produtora de saberes sobre os sujeitos.

**Palavras-chave:** Transdiversidades. Gênero. Estudos culturais.

### Apontamentos iniciais


Talvez um dos grupos sociais que atualmente mais causem repulsa, medo, ódio e, ao mesmo tempo, curiosidade, espanto e desejo sejam o das pessoas que transitam entre os gêneros e/ou sexos (LEITE JUNIOR, 2012). Não é à toa que as pessoas trans têm conquistado espaço nas mídias em geral, onde a temática da transexualidade, travestilidade e transgeneridade tem sido abordada filmes, discutida em novelas, documentários e séries, problematizando a luta dessas pessoas por condições melhores para poderem viver como elas são.

Fisher utiliza o conceito de “dispositivo pedagógico da mídia” para dizer que a mídia e particularmente a televisão participa efetivamente da constituição de sujeitos e subjetividades, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. thaisaguiar.furg@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação em Ciências. Professora adjunta do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, orientadora no PPG em Educação em Ciências e no PPG em Educação. raquelquadrado@hotmail.com





dirigem a “educação” das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem.

Trazemos essa pesquisa a partir do campo teórico dos Estudos Culturais, na sua vertente pós-estruturalista de análise, destacando o efeito das mídias na produção dos corpos e das sexualidades e também como produtora de saberes e conhecimentos. Diante dessas discussões, o objetivo desse trabalho é analisar os discursos sobre as transdiversidades, através da história de Oliver que se reconhece como trans não binário e relata como é não se identificar nem como menino e nem como menina e, também, a história de Dani uma mulher transexual que fez a cirurgia de redesignação sexual com o apoio dos seus amigos e alunos.

Estamos adotando o termo transdiversidades para não definir ou essencializar qualquer expressão identitária, por entendermos que as experiências trans são diversas, múltiplas e plurais, são experiências que fogem á um padrão universal e não se encaixam a uma sintetização homogênea. “Cada pessoa trans é antes, ou, deveria ser primordialmente pessoas humanas e, sendo assim, são constituídas e atravessadas por diferenças, multiplicidades e devires” (PAMPLONA e DINIS, 2017, p.04).

A partir dessas discussões entendemos que o gênero é uma construção cultural, social, política que é atravessado por relações de poder e que está imerso a uma rede discursiva e que ao falar sobre essas transdiversidades em um programa televisivo são difundidos significados a respeito desses sujeitos que vão nos ensinando modos de ser e de entender as vivências trans, considerando que estes contêm pedagogias culturais.

### **Caminhos Metodológicos**


A metodologia da pesquisa consistiu em analisar o nono episódio da primeira temporada da série Liberdade de Gênero que foi ao ar no dia 14 de dezembro de 2016, a série é dirigida e produzida pelo cineasta João Jardim, veiculada pela rede de TV fechada GNT e também na internet, disponível na GNT Play<sup>3</sup>, com aproximadamente vinte e dois minutos de duração. No presente trabalho buscamos analisar as falas dos/as entrevistados/as a partir de ferramentas da análise cultural.

De acordo com Rocha (2011), o que a análise cultural indica é o fato de que a televisão corresponde a um dos principais domínios na contemporaneidade através dos quais a cultura circula e é produzida. Dessa forma, entendemos que os programas televisivos, como a

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://globosatplay.globo.com/gnt/liberdade-de-genero/> acesso em: 10/10/2017.





série Liberdade de Gênero, constituem potentes artefatos culturais a serem analisados, visto que possuem uma dimensão cultural, produzindo significados.

As análises culturais, de acordo com Wortmann (2007), visibilizam relações e aspectos que geralmente não são considerados em análises tradicionais, tais como aquilo que acontece no cotidiano das pessoas e que produz efeitos em suas vidas. Trata-se de analisar práticas culturais considerando-as produzidas e imersas em relações de poder, constituindo formas interessadas de lidar com tais práticas.

### **Transdiversidades: alguns olhares para as narrativas de Oliver e Dani.**

O episódio analisado traz duas histórias de pessoas trans, Oliver, 21 anos, se considera trans não binário, mas, se identifica com o pronome masculino ele, trabalha cuidando crianças e Dani, 27 anos, mulher transexual que fez a cirurgia de redesignação sexual e é professora no colégio de aplicação da UFRJ. Ambas as histórias se passam no Rio de Janeiro e seus familiares ajudam nas narrativas das trajetórias.

O episódio inicia com a história de Oliver que se apresenta dizendo *eu sou trans e sou não binário, eu não sou mulher, mas, eu também não sou homem. Eu sou eu*. Com isso, aponta para rupturas e transgressões das fronteiras de gênero, remetendo à ideia de desconstrução dos binarismos de gênero, o tempo todo.

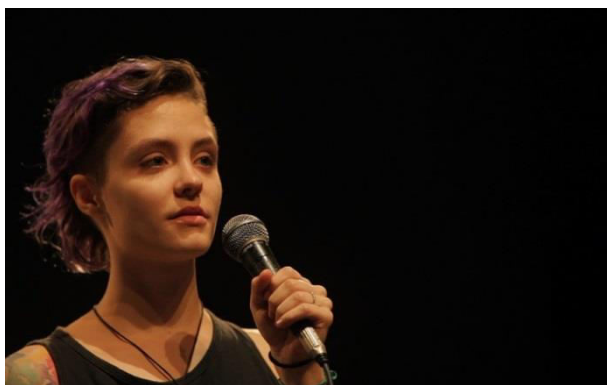
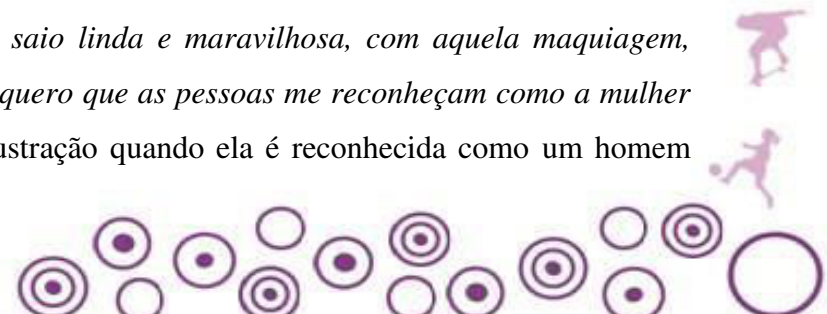



Figura 1 – Oliver

Fonte: série Liberdade de Gênero.

Uma pessoa transexual não binária é uma pessoa cuja divisão binária de gênero feminino ou masculino não a contempla. É quando a pessoa não se encaixa totalmente no feminino e nem no masculino, e transita entre esses dois paralelos.

Dani inicia sua fala dizendo *eu saio linda e maravilhosa, com aquela maquiagem, porque claro que eu quero ser bonita e quero que as pessoas me reconheçam como a mulher que sou*. E fala sobre a sensação de frustração quando ela é reconhecida como um homem





afeminado na rua e chamada pelo pronome masculino, mas, afirma que mesmo passando por essas situações nada abala suas certezas quanto à construção de sua identidade e diz *Quanto mais eu me percebo como uma mulher transexual, quanto mais eu reflito sobre a minha identidade de gênero. Eu vou ficando mais calma, independente de qualquer coisa e independente das respostas das pessoas.*



Figura 2 – Dani

Fonte: série Liberdade de Gênero

De acordo com Berenice Bento “a transexualidade é uma das múltiplas expressões identitárias que emergiram como uma resposta inevitável a um sistema que organiza a vida social fundamentada na produção de sujeitos ‘normais/anormais’ e que localiza a verdade das identidades em estruturas corporais” (2008, p. 24-25).

Ambos relatam em suas falas um entrelaçamento entre gênero e sexualidade. Oliver também conta que quando está andando na rua as pessoas olham pra ele e veem possivelmente uma mulher lésbica. Ele diz *difícilmente eu estou andando pela rua e alguém me identifica como ele e se me identifica como ele, vê que tem alguma coisa estranha nesse ele também. Então, eu sou muito visto como mulher e sofro muito com isso.*

Isso se justifica porque vivemos em uma sociedade heteronormativa que discrimina e parece não dar espaço a essas pessoas que dissolvem a lógica entre sexo/gênero/orientação sexual e remexem os lugares fixos de compreensão do universo masculino e feminino atribuídos culturalmente. De acordo com Petry e Meyer:

A heteronormatividade visa regular e normatizar modos de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade De acordo com o que está socialmente estabelecido para as pessoas, numa perspectiva biologicista e determinista, há duas – e apenas duas – possibilidades de locação das pessoas quanto à anatomia sexual humana, ou seja, feminino/fêmea ou masculino/macho (2011, p. 195).





Para Berenice Bento:

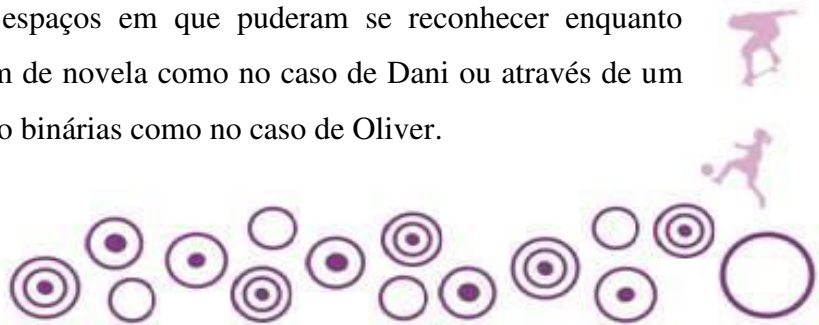
A existência trans põe em destaque aqueles atos discursivos e corporais considerados socialmente importantes para dar vida aos corpos-sexuados, ao mesmo tempo em que os desloca. Se a experiência nega a origem biológica para a explicação dos comportamentos, contraditoriamente, é a pressuposição dessa origem natural que gerará as expectativas e as suposições sobre as condutas apropriadas para os gêneros. Suas histórias interrompem a linha de continuidade e de coerência que se supõe natural entre corpo, sexualidade e gênero, ao mesmo tempo em que apontam os limites da eficácia das normas de gênero e abrem espaços para produção de fissuras que podem, potencialmente, transformar-se em contradiscursos e libertar o gênero do corpo-sexuado. (2014, p.63)

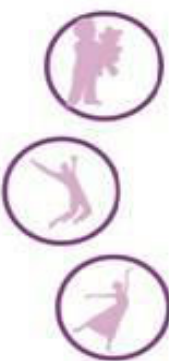
Quando perguntado sobre quando começaram a expressar essas identidades Oliver diz não foi desde pequeno, na verdade foi bem tarde, quer dizer, tarde comparando com o que as pessoas estão acostumadas ou com que acham que essa deve ser a idade com que isso aparece. Já Dani relata que se identifica com o feminino desde sempre. Vera, mãe de Dani diz Quando era pequeno, todo mundo percebia. A gente que é mãe percebe nas gesticulações. Quando ela, ainda ele, tinha um ano de idade alguém chegou pra mim e disse: olha só, olha essa mãozinha de viado!

Sobre as lembranças da infância e adolescência Dani se lembra dos adjetivos que os colegas a colocavam e piadinhas que faziam menininha, bichinha, florzinha, tentavam deslegitimar alguma coisa que eu falava tentando simular a minha voz mais feminina, mais aguda, enfim, o de sempre. Berenice Bento problematiza essa questão quando coloca que:

As reiterações que produzem os gêneros e a heterossexualidade são marcadas por um terrorismo contínuo. Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica. Se um menino gosta de brincar de boneca, os heteroterroristas afirmarão: “Pare com isso! Isso não é coisa de menino!”. A cada reiteração do/a pai/mãe ou professor/a, a cada “menino não chora!”, “comporta-se como menino!”, “isso é coisa de bicha!”, a subjetividade daquele que é o objeto dessas reiterações é minada. Essas verdades são repetidas por diversos caminhos, por várias instituições. A invisibilidade é um desses mecanismos, e quando “o outro”, “o estranho”, “o abjeto”, aparece no discurso é para ser eliminado. (2011, p.552)

Ambos relatam que os espaços das mídias, como a novela e o Facebook, foram espaços de encontro e pertencimento, espaços em que puderam se reconhecer enquanto sujeitos trans através de uma personagem de novela como no caso de Dani ou através de um grupo no Facebook com pessoas trans não binárias como no caso de Oliver.





Dani diz *com 12 anos, eu me lembro de ter assistido a novela da Ramona que era interpretada pela atriz Claudia Raia, e que mesmo com os vícios da novela, conseguiu tratar de forma sensível a questão da transexualidade. Eu fiquei louca, eu pensei meu Deus é isso então! Eu tive plena certeza que precisava passar por aqueles procedimentos para me encontrar.* A fala de Oliver vai ao encontro da de Dani, ele diz *eu conheci pessoas trans pela internet e assim soube da existência na verdade. Quando descobri isso fui para um grupo de pessoas trans no Facebook que era só de gente trans não binária e foi aí que eu comecei a ver e a me entender como trans mesmo.*

As mídias se colocam hoje como outro referencial e um espaço privilegiado de circulação de informações e sujeitos que antes não tinham visibilidade nessa proporção, como os sujeitos *trans*. As mídias promovem outras relações do público com esses sujeitos, atuando como uma pedagogia cultural, ensinando modos de ser, olhar e entender esses corpos.

Conforme destacam Soares e Meyer,


O conceito de pedagogias culturais remete, exatamente, para o reconhecimento e problematização da importância educacional e cultural da imagem, das novas tecnologias da informação, enfim, da relação entre educação e cultura da mídia nos processos de organização das relações sociais e na produção das identidades (2003, p.139).

Quando questionado sobre hormonização e possíveis mudanças corporais Oliver responde *Eu não quero mudar o meu corpo em nada, a princípio, realmente não tenho vontade, nem de tomar testosterona e nem de fazer alguma cirurgia. Diferente de Dani que quando descobriu que existia a possibilidade de passar por uma cirurgia de redesignação sexual não mediu esforços pra que ela acontecesse. Ela diz que passar por uma adequação sexual te dá um horizonte, mesmo que seja angustiante você viver com um pênis, porque você não reconhece aquele órgão e muitas vezes você esquece que tem aquilo, mas, saber que existe um horizonte de interromper, de modificar a sua conformação genital é muito alentador.*

Para fazer a cirurgia de redesignação sexual Dani precisou fazer um empréstimo de 40 mil reais que ela paga com a ajuda de amigos e alunos. No episódio alguns alunos de Dani são entrevistados e dizem sentir muito orgulho de ter uma professora trans. Eles consideram uma vitória uma pessoa transexual conseguir dar aula em um ambiente “assim”.

Consideramos que hoje a “escola é uma das principais instituições que funciona como guardião das normas de gênero e produtora da heteronormatividade” (BENTO, 2011, p.555). Onde aqueles que fogem essa norma, acabam largando a escola, por não aguentar o





preconceito sofrido, ao invés de acolher a diferença a escola se torna essa instituição punitiva aqueles que fogem do centro.

Diante disso, histórias de pessoas trans que conquistam espaços como o da escola, na posição de professora, como Dani, quebra com paradigmas de que para essas pessoas o que resta são espaços marginalizados. Suas presenças fazem emergir na escola outras possibilidades de construção dos gêneros e das sexualidades e também atuam na amenização do preconceito e da discriminação nesse espaço que é hetero e cis normativo.

As histórias analisadas põem-nos diante da pluralidade de configurações possíveis às experiências trans. Enquanto uns tomam hormônios, submetem-se a alterações em seus corpos através de cirurgias de redesignação sexual, outros simplesmente não fazem nada. Para uns o desconforto com as condutas, com o comportamento e até com as brincadeiras do gênero estabelecido despertam muito cedo, desde a infância, mas, para outros não, isso passa a fazer sentido depois de anos experienciando o gênero de acordo com o sexo genital.

## Referências

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. Rev. Estud. Fem., Ago 2011, vol.19, no.2, p.549-559.

FISHER, Rosa. Maria. Bueno. Foucault. In.: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 123-151.

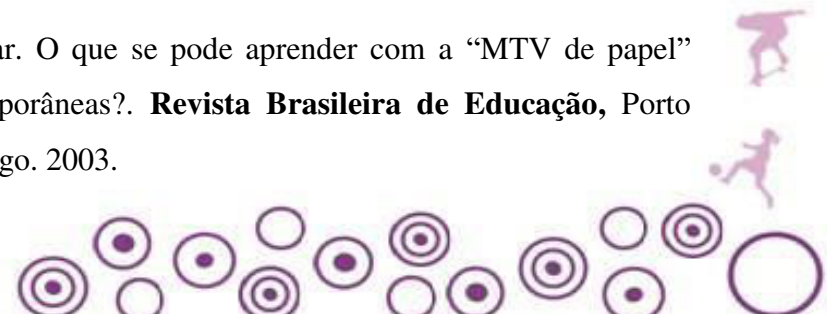
LEITE JUNIOR, Jorge. Transitar para onde?: monstrosidade, (des)patologização, (in)segurança social e identidades transgêneras. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 559-568, ago. 2012.

PAMPLONA, Renata Silva & DINIS, Nilson Fernandes. **A TRANSEXUALIDADE EM QUESTÃO: Problematizações nos contextos educacionais**. ITINERARIUS REFLECTIONIS (ONLINE), v. 13, p. 1-24, 2017.

PETRY, A.R e MEYER, D.E.E. **Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa**. Textos e contextos. Porto Alegre, v.10, n.1, p.193-198, jan/jul.2011.

ROCHA, S. M. Os estudos culturais e a análise cultural da televisão: Considerações teórico-metodológicas. **Rev. Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v.10, n.19, sem. 2011.

SOARES, Rosângela; MEYER, Dagmar. O que se pode aprender com a “MTV de papel” sobre juventude e sexualidade contemporâneas?. **Revista Brasileira de Educação**, Porto Alegre, n. 23, p. 136-148, maio/jun/jul/ago. 2003.





WORTMANN, Maria Lúcia. Análises Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 71-90.







UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

